

70 ANOS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIFICAÇÃO ESPÍRITA

HISTÓRICO

*Palestra das Comemorações dos 70 anos do
1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, São Paulo
20 e 21 de outubro de 2018.*

Antonio Cesar Perri de Carvalho
*ex-presidente da FEB – Federação Espírita Brasileira e da
USE-SP União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo;
ex-integrante da Comissão Executiva
do CEI – Conselho Espírita Internacional.*

SÃO PAULO

PARA QUE TODOS SEJAMOS UM

70 anos do 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita



20 e 21 de outubro de 2018
São Paulo

Informações e inscrições: www.usesp.org.br

U.S.E. união das sociedades espíritas
do estado de são paulo

Antecedentes e contexto

Com a desencarnação de Bezerra de Menezes, em 11/04/1900, o vice-presidente Leopoldo Cirne assumiu como 6º presidente da FEB (gestão 1900-1913). Destacou-se como eficiente administrador, impulsionador da divulgação das obras da Codificação Espírita.¹

Logo após assumir a presidência, Leopoldo Cirne promoveu uma reforma nos estatutos da FEB, retirando os poderes discricionários concedidos a Bezerra de Menezes, quando assumiu em época de crise no ano de 1895 e eliminando a cláusula que recomendava o estudo das obras de J.B. Roustaing. Conforme registro de Mauro Quintella: “Apesar de ser um ardoroso roustaingista, Cirne achava que a cláusula sobre Roustaing prejudicava a união da família espírita brasileira em torno da Federação. No pensamento de Cirne, a obra de Roustaing deveria continuar a ser estudada e divulgada pela FEB, mas sem a necessidade da cláusula estatutária. Embora aprovada em assembleia, realizada em 05/11/1901, a eliminação da cláusula sobre Roustaing desagradou profundamente os roustaingistas radicais da Federação.”²

Em 1904 Cirne promoveu o I Congresso Espírita, em homenagem ao Centenário de nascimento de Allan Kardec, tendo contado com a participação de mais de duas mil pessoas, entre os dias 1º e 3 de outubro de 1904; apresentou o trabalho “Bases de Organização Espírita”, que passou a filiar diretamente centros espíritas e a orientar o trabalho de união dos espíritas e estimular a fundação de Federações Estaduais. Em 1904, já existiam duas entidades federativas: a Federação Espírita do Paraná e a Federação Espírita

Amazonense. Este documento norteou a Organização Federativa da FEB.¹

Como ilustração sobre a Organização Federativa da FEB, citamos alguns fatos das primeiras décadas do século XX.

Mauro Quintella, com base em informações das primeiras décadas do Século XX, principalmente publicadas pela *Revista Espírita do Brasil* e também em matéria do jornal *Obreiros do bem*, de junho/julho de 1979, fez uma retrospectiva sobre vários episódios ocorridos no período citado.² O citado autor comenta que em 28/02/1914, Aristides Spínola foi eleito presidente da FEB (gestões 1914, 1916-1917 e 1922-1924), em substituição a Cirne. Essa disputa, evitada por muitos anos, aconteceu por causa da crescente insatisfação dos roustanguistas radicais com a retirada da cláusula sobre Roustaing e com a criação da Escola de Médiuns. Aristides Spínola restabeleceu a cláusula sobre o estudo da obra de Roustaing em 1917 e criou o Conselho Federativo da FEB em 1924.

Face as crescentes insatisfações com relação à FEB desenvolveu-se um movimento para se discutir o Espiritismo no Brasil.

Em 1925, Luiz Barreto Alves Ferreira assumiu a presidência da FEB (gestão 1925/1926) e, em seguida, recusou o convite para comparecer ao Congresso Constituinte Espírita Nacional, aprovou o regulamento de adesão das sociedades espíritas e acelerou as providências para a instalação do Conselho Federativo da FEB.

Sem a presença da FEB, o Congresso Constituinte Espírita Nacional se reuniu a partir do dia 31/03/1926, no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro. Compareceram 286 associações, sendo a presidência do evento entregue ao desembargador Gustavo Farnese e a vice-presidência ao conhecido escritor Coelho Neto. O Congresso criou uma entidade federativa de

âmbito nacional, a Liga Espírita do Brasil, e aprovou a Constituição Espírita do Brasil. Segundo esse documento, o órgão máximo dos espíritas brasileiros passaria a ser a Assembleia Espírita do Brasil.²

Em *Reformador*, edição de 1º/4/1926, informa-se que a FEB tem 2.365 associados (pessoas físicas) e 49 associações espíritas filiadas.³

Após a fundação da Liga Espírita do Brasil, em oposição à FEB, o presidente da Federação Luiz Barreto Alves Ferreira convocou a primeira reunião do Conselho Federativo da FEB, conforme publicação na edição de 01/05/1926 de *Reformador*.⁴

O ex-presidente Leopoldo Cirne, que se afastou da FEB, critica a apatia da mesma:

“[...] que se omite em muitas questões.” Por essas razões surgiu em 1926 o movimento da “Constituinte Espírita Nacional” – que também não contou com o apoio de Cirne –, criando-se a Liga Espírita do Brasil. “[...] havia entre os espíritas uma dupla corrente de opiniões, que se veem de há muito acentuando, a propósito da revelação, contemporânea de Allan Kardec, recebida, igualmente na França (J. B. Roustaing).” Sobre essa obra opina: “Tese arrojada, porventura desenvolvida com excessiva abundância de pormenores que, em certos casos, a tornam aparentemente inverossímil e, a poder de repetições fastidiosas, tem suscitado, como dizemos, apologistas e opositores, nem sempre dotados da conveniente serenidade para evitar antagonismos. [...] entre os membros da novel Liga Espírita, a referida obra não é aceita.”^{5,6}

E comenta esse cenário:

“[...] não têm infelizmente entendido os orientadores da Federação, em sua nova fase.”^{5,6}

Em outubro de 1933 o presidente da FEB Luís Olímpio Guillon Ribeiro (gestões 1920-1921 e 1930-1943) promoveu a 2ª Reunião do Conselho Federativo da FEB, estando presentes 89 delegados representando 123 associações adesas.⁷ Foi constituída uma mesa diretora do Conselho, sendo Guillon Ribeiro o presidente e Pedro de Camargo (Vinícius), o vice-presidente.⁸

As notícias publicadas em *Reformador* na seção “Organização Federativa”, são informações enviadas por correspondência por parte das associações adesas.

Ao assumir a presidência, Antônio Wantuil de Freitas (gestão 1943-1970), já informa na citada seção de *Reformador*, que ocorreu a 70ª Reunião de Associações Federadas, com a presença de 15 associações.⁹

No Relatório da Diretoria¹⁰ apresentado em agosto de 1947, há o item “Organização Federativa”, mas com informações genéricas e sem dados objetivos.

Naquela época ocorria uma intensa movimentação no Estado de São Paulo, culminando com a criação da USE, então chamada União Social Espírita. A USE foi fundada em 5 de junho de 1947, no 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo, realizado em São Paulo de 1º a 5 de junho de 1947. Nessa época, quatro instituições espíritas se propunham a atividades federativas na Capital: Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, União Federativa Espírita Paulista, Federação Espírita do Estado de São Paulo e Liga Espírita do Estado de São Paulo. Essas quatro instituições lançaram o manifesto “Proclamação aos Espíritas”, conclamando à união. Num exemplo de renúncia, essas quatro entidades patrocinadoras, com o apoio de associações do interior, trabalharam pela criação de um único órgão de unificação oficial e permanente, surgindo a União Social Espírita, que, depois,

passou a se denominar União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.^{11,12}

O 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo foi realizado na capital paulista, com a representação de 551 instituições, incluindo dez mocidades espíritas autônomas. A proposta da criação da USE e de sua estrutura, apresentada por Edgard Armond, foi a vencedora entre 34 teses apresentadas, definindo a união de quatro entidades já existentes e que se propunham a realizar trabalho federativo. É a única federativa estadual do Brasil que surge com base em decisão plenária de um Congresso Estadual.^{11,12}

Houve a publicação em forma de livro dos *Anais do 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo*.¹⁰

Fato histórico e estranho foi o envolvimento da FEB, apoiando e divulgando que uma das entidades fundadoras da USE, a União Federativa Espírita Paulista, afastou-se e voltou a integrar o rol das Associações adesas à FEB. Houve destaque de página inteira na revista *Reformador*, na edição de maio, e citação no Relatório da Diretoria, em agosto de 1948.^{13,14}

O ano de 1948 registra dois importantes fatos ligados aos jovens espíritas.

Surgiu a Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo – COMBESP, reunindo jovens de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e depois o Distrito Federal (Brasília). Este certame, autônomo, foi um celeiro de formação de expositores e lideranças. O evento foi repetido em rodízio por várias cidades dos Estados citados entre 1948 e 1966, e nestes anos foi efetivado na cidade de Barretos (SP).¹

Liderado pelo incansável Leopoldo Machado, de Nova Iguaçu (RJ), foi realizado o 1º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil (17

a 25/7/1948) na cidade do Rio de Janeiro, e que constituiu o Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil. Foi efetivado no Teatro João Caetano e o encerramento na sede da FEB, embora o presidente da FEB não apoiado o Congresso, cedeu o auditório da Instituição para a atividade de encerramento do evento, sendo Lins de Vasconcelos incumbido de representar a FEB.¹

O Congresso Brasileiro de Unificação Espírita

A essa altura já se preparava a realização do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, planejado por idealistas de São Paulo.

O presidente da FEB Wantuil de Freitas trocou cartas com Chico Xavier, comentando as propostas da FERGS relacionadas com o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e também com restrições às obras de André Luiz.¹⁵ Atualmente sabe-se de posteriores reações de Chico Xavier a episódios editoriais de suas obras, optando por outros caminhos para a edição de seus livros psicográficos.¹

Ao convite para comparecer e dirigir o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita o presidente da FEB não aceitou e, em ofício assinado por Carlos Lomba, 2º Secretário da FEB, foi respondido “[...] porque o julgamos para nós, deveras inoportuno”^{1,12,16}, e também publicou comentários em *Reformador*¹⁷.

O Congresso Brasileiro de Unificação Espírita foi realizado pela USE no período de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948, em São Paulo, com registros detalhados nos *Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita*.¹⁶ Houve o apoio e atuação nos preparativos de dirigentes da USE-SP, Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul, Federação Espírita do Paraná, Federação

Espírita Catarinense, União Espírita Mineira, Liga Espírita do Brasil, Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas do Brasil e lideranças espíritas.

Em função desse evento surgiu a primeira psicografia de Chico Xavier sobre união e unificação, que foi assinada por Emmanuel – “Em nome do Evangelho” -, e dirigida aos participantes do citado 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, em São Paulo. Essa mensagem, com o título acima, foi psicografada no dia 14 de setembro de 1948, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, e encaminhada aos organizadores do evento com a justificativa de que ele – Chico Xavier -, como convidado, não poderia comparecer. Foi publicada na íntegra nos *Anais*¹⁶:

“Em nome do evangelho

“Para que todos sejam um” – Jesus (João, 17:22)

Reunindo-se aos discípulos, empreendeu Jesus a renovação do mundo.

Congregando-se com cegos e paralíticos, restituiu-lhes a visão e o movimento.

Misturando-se com a turba extenuada, multiplicou os pães para que lhe não faltasse alimento.

Ombreando-se com os pobres e os simples, ensinou-lhes as bem-aventuranças celestes.

Banqueteando-se com pecadores confessos, ensinou-lhes o retorno ao caminho de elevação.

Partilhando a fraternidade do cenáculo, prepara companheiros na direção dos testemunhos de fé viva.

Compelido a oferecer-se em espetáculo na cruz, junto à multidão, despede-se da massa, abençoando e amando, perdoando e servindo.

* * *

Compreendendo a responsabilidade da grande assembleia de colaboradores do Espiritismo brasileiro, formulamos votos ardentes para que orientem no Evangelho quaisquer princípios de unificação, em torno dos quais entrelaçam esperanças.

Creemos que a experiência científica e a discussão filosófica representam preparação e adubo no campo doutrinário, porque a semente viva do progresso real, com o aperfeiçoamento do homem interior, permanece nos alicerces divinos da Nova Revelação.

Cultivar o Espiritismo, sem esforço espiritualizante, é trocar notícias entre dois planos diferentes, sem significado substancial na redenção humana.

Lidar com assuntos do céu, sem vasos adequados à recepção da essência celestial, é ameaçar a obra salvacionista.

Aceitar a verdade, sem o desejo de irradiá-la, através do propósito individual de serviço aos semelhantes, é vaguear sem rumo.

O laboratório é respeitável.

A academia é nobre.

O templo é santo.

A ciência convence.

A filosofia estuda.

A fé converte o homem ao Bem Infinito.

Cérebro rico, sem diretrizes santificantes pode conduzir à discórdia.

Verbo primoroso, sem fundamentos de sublimação, não alivia, nem salva.

Sentimento educado e iluminado, contudo, melhora sempre.

Reunidos, assim, em grande conclave de fraternidade, que os irmãos do Brasil se compenetrem, cada vez mais, do espírito de serviço e renúncia, de solidariedade e bondade pura que Jesus nos legou.

O mundo conturbado pede, efetivamente, ação transformadora. Conscientes, porém, de que se faz impraticável a redenção do Todo, sem o burilamento das partes, unamo-nos no mesmo roteiro de amor, trabalho, auxílio, educação, solidariedade, valor e sacrifício que caracterizou a atitude do Cristo em comunhão com os homens, servindo e esperando o futuro, em seu exemplo de abnegação, para que todos sejamos um, em sintonia sublime com os desígnios do Supremo Senhor. – Emmanuel^{1,12,16}

ooo

Ao Congresso, compareceram dirigentes da USE-SP e de outras instituições paulistas, Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul, Federação Espírita do Paraná, Federação Espírita Catarinense, União Espírita Mineira, Liga Espírita do Brasil, Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas do Brasil, Lar de Jesus de Nova

Iguaçu (RJ), Centro Espírita de Cuiabá, e pessoas que tinham procurações de instituições de Sergipe, Bahia, Pará, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte.¹⁶

O foco desse Congresso não era regional, mas nacional, constando da pauta a unificação nos Estados e no país, e problemas doutrinários urgentes.

Teses recebidas¹⁶:

- 1) FERGS: Propõe a criação de uma Confederação Espírita Brasileira;
- 2) FEP: Unificação pelo aprimoramento da cultura dos espíritas e educação das crianças;
- 3) FEC: Unificar pela unidade da Doutrina;
- 4) USE: Instruções para o funcionamento da Comissão Executiva Permanente;
- 5) Alagoas: Não é tese mas um pensamento de programa de ação;
- 6) Associação Familiar Homero de Souza: não se caracteriza como tese;
- 7) Júlio de Abreu Filho (SP): O Espiritismo e o Sincretismo Religioso;
- 8) Júlio de Abreu Filho (SP): O livro espírita no Brasil;
- 9) Eurípides de Castro (SP): O moço espírita e o mundo de hoje.

Mas também ocorreram indicações e proposições da UEM, de Leopoldo Machado e outros.

A Comissão de Teses nomeada pelo Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, reunido na Cidade de São Paulo, concluiu:

“a) Que o espírito dominante em todos os trabalhos é o da unificação direcional do Espiritismo;

b) Para concretização do item anterior, recomenda a Comissão as seguintes proposições, colhidas nos trabalhos estudados:

1) Que a superintendência daqueles trabalhos seja confiada à Federação Espírita do Rio Grande do Sul, a qual observará as normas gerais aqui traçadas e que representam o pensamento geral do Congresso;

2) Que o Congresso lance aos Espíritas do Brasil um manifesto sucinto e objetivo, divulgando os itens nele aprovados.

3) As normas referidas no item 1º são:

I — Promover entendimentos com as entidades máximas e federativas dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios, ao sentido de consertar a forma de unificação direcional do Espiritismo;

II — Os entendimentos deverão ser feitos em torno da organização federativa de âmbito nacional;

III - A entidade existente adaptada ao item anterior, conserve sua autonomia social e patrimonial;

IV - O poder legislativo nacional será exercido por um Conselho Confederativo, sediado na Capital da República, e composto de um representante de cada Estado, do Distrito Federal e dos Territórios, eleitos pelas uniões ou federações dessas circunscrições, com mandato de cinco anos e presidido pelo presidente da entidade referida no item 2º.

4) Realizado o seu objetivo, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul dará conhecimento de suas conclusões aos membros deste Congresso e sugerirá a conveniência e oportunidade da

convocação de um Congresso Espírita nacional, em prazo nunca inferior de um ano, para o fim de regulamentar o funcionamento da entidade confederativa de âmbito nacional;

5) A Federação Espírita do Rio Grande do Sul manter-se-á em permanente contato com as entidades participantes deste Congresso e com as que aceitarem, posteriormente, as suas conclusões, por intermédio de um delegado nos Estados, integrado nos ideais de unificação, como em torno de organização federativa existente, que se adapte como entidade confederativa ou federativa de âmbito nacional elemento de coordenação e animação do movimento nos limites de seu Estado;

6) Recomenda a aprovação da tese da União Social Espírita do item 1º - Plano de execução quanto a unificação do Espiritismo nos Estados e, no item 3º - Estudos de problema do interesse fundamental e urgente para a marcha do movimento espírita nacional; recomenda a aprovação das teses apresentadas pelo representante do Rio Grande do Sul na Comissão foi vencido quanto a indicação da Federação sediada naquele Estado.

São Paulo, (Sala de Sessões) 1º de Novembro de 1948.”^{12,16}

Esse Congresso chegou a propor a criação de uma Confederação, ou de um Conselho Superior do Espiritismo, proposta que, levada à consideração do Presidente da FEB, Antônio Wantuil de Freitas, foi por ele recusada. Espíritas de diferentes regiões do País, de tendências diversificadas no entendimento da Doutrina, sentiam o inconveniente divisionismo e a necessidade da concórdia, do respeito e da união fraterna.

Textos constantes nos *Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita* e mais alguns registros sobre a atuação de Leopoldo Machado no citado Congresso Brasileiro e no Estado de São Paulo, foram enfeixados em livro sobre esse grande vulto espírita, de autoria de Eduardo Carvalho Monteiro.¹⁸

Eis o depoimento de Carlos Jordão da Silva, participante desse Congresso Brasileiro e também ex-presidente da USE-SP:

“Tivemos aqui em São Paulo, em 1948, o Primeiro Congresso Brasileiro do Unificação, com a presença de delegações de todos os Estados Sulinos e alguns do Norte, não tendo a Federação Espírita Brasileira na ocasião aceito participar. Estabeleceu-se que a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, através de sua delegação mantivesse os entendimentos com a FEB para que se efetivasse a Unificação das Sociedades Espíritas e Espíritas no campo nacional.”¹⁹

Após esse Congresso, a USE resolveu apoiar o 2º Congresso da Confederação Espírita Panamericana, realizado no Rio de Janeiro pela Liga Espírita do Brasil no ano de 1949.

Em setembro de 1949, para incentivar essa participação e devolver o entusiasmo aos confrades do Rio Grande do Sul, apáticos depois da euforia do Congresso da Unificação Nacional, uma caravana visitou, com grande sucesso, o Sul do País. Faziam parte dela os paulistas Carlos Jordão da Silva, Luiza Peçanha de Camargo Branco, Emílio Manso Vieira e o médium Ary Casadio. Em recepção oferecida ao grupo na residência do General Roberto Pedro Michelena, o grande escritor Coelho Neto serviu-se da mediunidade de Casadio e durante quase uma hora deliciou os presentes com magnífica peça literária.¹²

No Rio Grande do Sul discutiram-se e aprovaram-se, com ligeiras modificações, dois trabalhos a serem apresentados no Congresso Panamericano: Sugestões para a Organização Nacional do

Espiritismo e Prevalência do Espiritismo Religioso, este último elaborado pela USE.¹²

Para o 2º CEPA, a USE enviou como seus representantes: Carlos Jordão da Silva, Vinícius e Benedito Godoy Paiva; e, como acompanhantes da Delegação, Eurípedes de Castro, Antonio Trindade e Luiz Monteiro de Barros.

Ainda no ano de 1949 também foi digno de nota, o início da publicação dos célebres artigos de Herculano Pires no jornal *Diário da Noite*, de apoio às teses do Congresso de Unificação, e a Direção a USE enviou ofício de congratulações.¹²

Desdobramentos

Esse era o clima predominante no seio do movimento espírita nos fins do ano de 1949, com muitas opiniões individuais extremadas e personalismos. Em princípios de outubro de 1949, realizava-se no Rio de Janeiro, o II Congresso da Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA). A esse Congresso compareceram espíritas de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pará, e do Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

Mais de vinte anos depois desse evento, Carlos Jordão da Silva, emocionado, relembra, em entrevista publicada no *Anuário Espírita 74*, os bastidores do “Pacto Áureo”, de onde destacamos:

“Após as reuniões do Congresso Panamericano e recolhidos todos os participantes das delegações em seus respectivos hotéis, cerca de uma hora da manhã, resolvemos sair para tomar um pouco de ar e dirigimo-nos para determinada praça próxima ao nosso hotel e para a nossa surpresa todas as delegações foram chegando ao

mesmo local, como que convocadas por forças invisíveis. Achamos graça por ter o Plano Espiritual nos reunido daquela forma e aquela hora da madrugada e ali mesmo marcamos uma reunião para as 8 horas da manhã, no Hotel Serrador, onde estávamos hospedados, eu e minha Senhora, e, realizada tal reunião, incumbiu-se Artur Lins de Vasconcellos Lopes a tarefa de aproximar-se da FEB para promover o encontro.”¹⁹

No dia 5 de outubro, após entendimentos prévios com o Presidente da FEB, Wantuil de Freitas, alguns líderes que participavam do Congresso da CEPA, incluindo Carlos Jordão da Silva (SP), compareceram à sede da FEB, para uma reunião memorável com seu Presidente e Diretores. Após discussão de proposta inicial reiterando a criação de uma Confederação, ou Conselho Superior do Espiritismo, novamente rejeitada por Wantuil de Freitas, este, em nome da Diretoria da FEB, apresentou outra proposição, contendo dezoito itens, sintetizando os princípios sobre os quais poderiam assentar-se a União e a Unificação do Movimento Espírita, além de detalhamento de providências complementares para o funcionamento do Acordo. A reação dos presentes à memorável reunião foi favorável, com aceitação unânime da proposição.¹²

Esse acontecimento ficou conhecido como a Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro, também chamado “Acordo de Cavalheiros” e cognominado por Lins de Vasconcellos como “Pacto Áureo” e se constituiu no Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro.

Eis a Ata da Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro^{1,12,20}:

“Ata da reunião entre os diretores da Federação Espírita Brasileira e os representantes de várias Federações e Uniões de

âmbito estadual: Aos cinco dias do mês de Outubro do ano de mil e novecentos e quarenta e nove (1949) na sede da Federação Espírita Brasileira, à Avenida Passos, nº 30, na cidade do Rio de Janeiro, Capital da República, Brasil, presentes o Sr. Antônio Wantuil de Freitas, presidente da F.E.B., e demais signatários desta, após se dirigirem ao Alto, em prece, suplicando bênçãos para todos os obreiros da Seara Espírita do Brasil, bem como para toda a Humanidade, e depois de longo e coordenado estudo do Movimento Espírita Nacional, a que pertencem, acordaram em aprovar os seguintes itens, “ad referendum” das Sociedades que representam: 1ª) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo. – 2ª) A F.E.B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa. – 3ª) Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua diretoria para fazer parte desse Conselho. – 4ª) Se isso não for possível, a Sociedade enviará ao presidente do Conselho uma lista tríplice de nomes, a fim de que este escolha um desses nomes para membro do Conselho. – 5ª) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão em seus impedimentos. – 6ª) Considerando que desde a sua fundação a F.E.B. se vem batendo pela autonomia do Distrito Federal, conforme se vê em seu órgão *Reformador* fica o Distrito Federal considerado como Estado, em igualdade de condições com os demais Estados do Território Nacional. – 7ª) O presidente da Federação Espírita Brasileira nomeará uma comissão de três juristas espíritas e dois confrades de reconhecida idoneidade, para elaborar o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propor as modificações que se tornarem

necessárias nos atuais Estatutos da Federação Espírita Brasileira. – 8º) No caso de haver mais de uma sociedade de âmbito estadual em algum Estado, tudo se fará para que se reúnam em torno de uma terceira, cuja presidência será exercida em rodízio e automaticamente pelo presidente de cada uma delas, substituídos que serão, anualmente, no dia 1º de Janeiro de cada ano (1). – 9º) Anualmente, em sua primeira reunião do mês de Agosto, o Conselho organizará o seu orçamento, o qual, uma vez aprovado pela Diretoria da FEB, será entregue ao tesoureiro dessa (1). – 10º) Cabe à Federação Espírita Brasileira entrar com cinqüenta per cento do que for determinado para o referido orçamento, devendo os restantes cinqüenta per cento ser distribuídos em cotas iguais entre todas as Sociedades pertencentes ao Conselho (2). – 11º) Na escrita da F.E.B. o seu tesoureiro deverá criar um título no qual lançará todo o movimento de valores, inclusive de donativos que forem feitos com a finalidade de facilitar os trabalhos do Conselho, quantias essas que, de forma alguma, poderão ser aplicadas senão por deliberação do dito Conselho. – 12º) As Sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. A ação do Conselho só se verificará, aliás, fraternalmente, no caso de alguma Sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, e isso por ser ele, o Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil. – 13º) Deverá ser organizado um quadro de pregadores espíritas, composto de sócios das sociedades adesas, os quais, dentro de suas possibilidades, serão escalados para visitar as Associações que ao Conselho dirijam convites para festividades de caráter puramente Espírita – 14º) Se possível, será criado, também, um grupo de pregadores experimentados e cultos, com a difícil missão de levar a palavra do Evangelho aos grupos que, ainda mal orientados, ofereçam campo à sementeira cristã. – 15º)

Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalhos seu individual, subscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho for antecipadamente lido e aprovado pelo conselho. – 16º) Os membros do Conselho são considerados como exercendo cargo de confiança das Sociedades que os indicarem. – 17º) Sempre que possível, o Conselho designará um dos seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas Sociedades. – 18º) Se alguma colidência encontrar, pedirá ele se convoque a diretoria da Sociedade e, então, confidencialmente, exporá o que deverá ser modificado, de acordo com o plano geral estudado pelo Conselho. E nada mais havendo, eu, Oswaldo Mello, servindo de secretário, a escrevi e datilografei, assinando-a juntamente com os componentes da reunião, que decorreu sob a mais viva emoção dos circunstantes. E, para constar, fiz esta, que subscrevo, aos cinco dias do mês e ano referidos. A) Oswaldo Mello, secretário; Antônio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira; Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, por si e pelo Sr. Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil; Francisco Spinelli, pela Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul; Roberto Pedro Michelena; Felisberto do Amaral Peixoto; Marcírio Cardoso de Oliveira; Jardelino Ramos; Oswaldo Mello, pela Federação Espírita Catarinense; João Ghignone, presidente e Francisco Raitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná; Pedro Camargo – Vinícius e Carlos Jordão da Silva, pela União Social Espírita de S. Paulo (USE); Bady Elias Curi, pela União Espírita Mineira; Noraldino de Mello Castro, presidente do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira. Em tempo: Depois de assinado o presente documento, o presidente Wantuil de Freitas, após manifestar o seu regozijo pelo histórico acontecimento, com palavras cheias de fé e de esperança nos destinos gloriosos do Brasil Espírita,

convidou o confrade Pedro Camargo – Vinícius a proferir a prece final, de encerramento dos trabalhos, o que foi feito, fervorosamente, em súplica ardente aos Espíritos Superiores, aos quais rogou assistência e iluminação para o desenvolvimento rápido dos nossos trabalhos, na sementeira do bem e do amor, em torno do Mestre e Senhor, Eu, Oswaldo Mello, subscrevo e assino, como testemunho da verdade: Oswaldo Mello.”

“Notas:

- 1) Texto modificado pelo C.F.N., em 29-08-55.
- 2) Texto modificado pelo C.F.N., em 06-11-55.”

Alguns confrades acompanharam a citada reunião, mas não puderam ficar até o final e não assinaram a Ata, como Leopoldo Machado e vários diretores da FEB.²⁰

Depois de analisar o “Pacto áureo” item a item em nosso livro *União dos espíritas. Para onde vamos?*, concluímos:

“Em nosso entendimento e experiência, com os apontamentos acima expressos, o texto do “Pacto Áureo” está superado. Imaginemos um dirigente que, ao ler o citado documento, resolva colocar em prática “ao pé da letra” o que está definido em seus artigos. O “Pacto Áureo” é um importante referencial histórico, mas não é mais aplicável na atualidade.”¹

CFN e Caravana da Fraternidade

Com base no Acordo foi criado o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, órgão que substituiu o antigo Conselho Federativo da FEB, que era integrado por

representantes de centros espíritas. O CFN dirigido pelo presidente da FEB, instalado em 1º de janeiro de 1950, vem funcionando ininterruptamente, e nele se fazem hoje representar os movimentos espíritas de todos os Estados brasileiros, através de suas Federativas.^{1,12,20,21}

O Acordo de Unificação não ficou restrito às representações dos órgãos (Federativas) que tomaram parte na Grande Conferência.

Por iniciativa da USE junto ao novel CFN da FEB foi programada a visita de confraternização aos Estados, durante o ano de 1950²¹. A atividade ficou conhecida como “Caravana da Fraternidade” e que teve por finalidade divulgar os objetivos da unificação e colher adesões de onze estados do Norte e do Nordeste ao “Pacto Áureo”. O resultado foi a adesão das Instituições daquelas regiões ao Acordo, com a criação dos órgãos federativos nos Estados onde não os possuíam.²²

Os caravaneiros: Ary Casadio e Carlos Jordão da Silva (São Paulo); Artur Lins de Vasconcelos (Paraná), Francisco Spinelli (Rio Grande do Sul) e Leopoldo Machado (Rio de Janeiro) realizaram visitas, contatos e levaram orientações sobre a divulgação do Espiritismo, estímulo às obras de assistência social e de ambientação doutrinária aos lares. A partir de Recife, Artur Lins de Vasconcelos foi substituído por Luiz Burgos (Pernambuco). Ao final, alguns “caravaneiros” visitaram Chico Xavier, em Pedro Leopoldo (MG), em 11 de dezembro de 1950, oportunidade em que receberam duas mensagens psicográficas.

Leopoldo Machado fez os registros, publicados na forma de livro *A caravana da fraternidade*, esgotado logo após o evento. Em 2009 estivemos em Nova Iguaçu e obtivemos autorização da família do autor para publicação deste livro pela Editora da FEB.²²

Ao finalizarmos o histórico do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e passados 70 anos do marcante evento, cabe a reflexão com que encerramos nosso livro *União dos espíritas*¹ e incluímos como sub-título: Para onde vamos?

Referências:

- 1) Carvalho, Antonio Cesar Perri. *União dos espíritas. Para onde vamos?* 1.ed. Capivari: Ed. EME. 2018. 144p.
- 2) Quintella, Mauro. Breve história do Pacto Áureo – Parte 1.
Acesso:
<https://espiritismocomoeuvejo.blog.br/2015/09/10/historia-critica-do-pacto-aureo-parte-1/>;
<http://www.expedienteonline.com.br/documentos/revista-verdade-e-luz/>
- 3) *Reformador*. Ano 44. N.7. 1ª /4/1926. P.168.
- 4) *Reformador*. Ano 44. N. 9. 1ª/5/1926. P. 205.
- 5) Cirne, Leopoldo. *Antichristo. Senhor do Mundo*. 1.ed. 2ª Parte. Rio de Janeiro: Bedeschi. 1935. 524p. Edição em versão digital: <http://luzespirita.org.br/leitura/pdf/L163.pdf>
- 6) Carvalho, Antonio Cesar Perri. Cristianismo, Espiritismo e o Anticristo. *Revista Internacional de Espiritismo*. Ano XCII. No. 9. Outubro de 2017. P. 474-477.
- 7) *Reformador*. Ano 51. N. 19. 3/10/1933. P. 553.
- 8) *Reformador*. Ano 51. N. 20-21. 1ª/11/1933. P. 561-2.
- 9) *Reformador*. Ano 62. N. 1. Janeiro de 1944. P.18.
- 10) *Reformador*. Ano 65. N. 8. Agosto de 1947. P. 196.

- 11) *Anais do 1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo*. São Paulo: USE. 1947. 131p.
- 12) Monteiro, Eduardo Carvalho; D'Oliveira, Natalino. *USE - 50 anos de unificação*. São Paulo: USE. 1997. 335p.
- 13) *Reformador*. Ano 66. N. 5. Maio de 1948. P. 111.
- 14) *Reformador*. Ano 66. N. 8. Agosto de 1948. P.195.
- 15) Schubert, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB. 1986. P. 232-5.
- 16) *Anais do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita*. São Paulo: USE. 191p. Edição em versão digital: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/USE/ANAIS%20do%20Congresso%20Brasileiro%20de%20Unifica%C3%A7%C3%A3o%20Esp%C3%ADrita%201948.htm>
- 17) *Reformador*. Ano 66. N.5. Maio de 1948. P. 103.
- 18) Monteiro, Eduardo Carvalho. *Leopoldo Machado em São Paulo*. 1.ed. São Paulo: Ed. USE. 1999. 151p.
- 19) Courté, Josyan. Entrevista com Carlos Jordão da Silva. *Anuário Espírita 74*. Araras: IDE. 1974. p.115-120.
- 20) *Reformador*. Ano 117. N. 2.047. Outubro de 1999. p. 291-3; 316-9.
- 21) *Reformador*. Ano 68. N. 6. Junho de 1950. p.141.
- 22) Machado, Leopoldo. *A caravana da fraternidade*. Rio de Janeiro: FEB. 2010. 370p.